

A história do município que saiu da lista negra dos maiores desmatadores

Categories : [Reportagens](#)

Rio de Janeiro - Os 105 mil habitantes de Paragominas, localizada no nordeste do Pará, a 320 km de Belém, podem dizer que tiveram uma reviravolta em suas vidas depois que a economia do município praticamente entrou em colapso.

Os primeiros sinais de crise começaram a surgir em 2007 com a moratória da soja em que grandes empresas fizeram um boicote à compra de grãos oriundos de áreas desmatadas na Amazônia. Depois, o governo federal editou uma série de medidas decisivas para o combate ao desmatamento na região. Entre elas, o [Decreto 6.321](#) que foi o mais duro ao "municipalizar" o combate ao desmatamento, transferindo ao município a responsabilidade pela devastação e restringindo o crédito aos produtores rurais. Responsabilizando e penalizando toda a cadeia produtiva por desmatamentos ilegais. Por fim, em 2008 foi divulgada uma lista negra de infratores e municípios críticos do desmatamento.

Paragominas foi rapidamente incluído pelo Ministério do Meio Ambiente na lista suja dos municípios que mais desmatavam a floresta amazônica. Em 2008, eram 36 cidades que ficaram na mira de ações de fiscalização e operações da Polícia Federal e IBAMA contra o desmatamento. Hoje em dia a lista tem um número acima de 50 municípios.

"Uma vez na lista, o município passa a ser prioritário para ação de fiscalização. Ninguém no município pode ter acesso a qualquer crédito rural e isso passa a se tornar um problema coletivo. Não é um processo fácil conseguir sair da lista suja, a maioria não saiu ainda", disse a ((o))eco Brenda Brito, advogada do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).

O estigma de desmatador

Não era nada bom para um município ser taxado com o estigma de desmatador. "A gente aprendeu a ganhar dinheiro e a mover a economia com o desmatamento", admitiu Mauro Lúcio de Castro Costa, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Paragominas.

O município que cresceu no rastro da construção da rodovia Belém-Brasília, teve sua economia praticamente fundada nos alicerces do desmatamento: madeira, soja e gado. Os anos 90 foram marcados pela forte extração de madeira ilegal que, já em 1998, começou a dar sinais de cansaço. "Foi um ciclo que teve uma exploração muito grande e mal feita", lembra Mauro Lúcio. Depois do fracasso da madeira, muitos se voltaram para a agropecuária, mas "ainda era arcaica",

contou, com uma média de 0,8 cabeça de gado por hectare e com um desempenho animal também baixo.

O que mais fomentou o desmatamento era e ainda é hoje o custo, destacou o presidente do sindicato. "É muito mais barato desmatar que recuperar uma área que já está degradada, por conta disso as pessoas continuavam o avanço na floresta", confessou.

Para desmatar a floresta a fim de tornar a área uma pastagem custa em média 500 reais por hectare. Já para fazer uma recuperação e reconstituir a mata o custo sobe para 2 mil reais por hectare.